

# O Maior Pecador de Todos os Tempos

Uma novela por Eric Mellema

Traduzido para o Português por  
Katarina Peters

[Translator English Portuguese](#)

[Livro electronico gratis em html](#)

© 2006 Eric Mellema  
Todos os direitos reservados  
[www.nostredame.info](http://www.nostredame.info)

Agradecimentos a:

Katarina Peters  
Maria-Bonita Kapitany  
Jack van Mildert  
Liesbeth Gijsbers  
Moene Seuntjens  
Marleen van Haeren  
Ria Adriaensen  
Els Pellis  
Guus Janssens  
Ronald Mengerink  
Arthur Hendriks

Agradecimentos especiais a: Trudi Koning

Quadras usadas de As Profecias

## Capítulo 1

“Brrr, que frio que está fazendo aqui!”

“Pare de reclamar, Mercury; só mais trinta e um dias até a sua transformação.”

“Quem está aí?”

“E sou Hermes, o seu *ego superior*.”

“Hermes, a sua visita é oportuna, pois essas reviravoltas chatas ao redor da minha órbita me deixam furioso.”

“Bem, vou lhe dizer, Zeus decidiu que a sua tarefa está quase terminada. Você só terá de continuar a ser de carne e osso por um pouco tempo mais antes que possa brilhar.”

“E como você sabe de tudo isso?”

“Sou o mais rápido na Via Láctea, e coloco o meu ouvido no chão aqui e ali, por assim dizer. Além disso, passar mensagens faz parte do meu trabalho.”

“Quanto tempo ainda terei?”

“Até que você estiver alinhado com o Sol e a Terra, de modo que não vai demorar muito.”

“Hmm..., pelo menos é diferente do que ser um planeta morto. Minha única diversão é causar ondas de choque e banhos de sol.”

“Essa vida simples vai lhe fazer falta, meu irmão material, mas tenha um pouco mais de paciência.”

Um mês depois, um nascimento extraordinário aconteceu no planeta Terra. Alguém dotado de um dom profético sem precedência acabava de nascer. O nascimento do astrólogo na aldeia aconteceu no começo da Renascença, na cidade francesa de Saint Rémy de Provence. As contrações começaram numa mansão estatal por trás das alas do mercado onde os comerciantes proclamavam suas mercadorias há algum tempo já. Reynière de Nostredame tinha calculado minuciosamente a data do nascimento, mas o início do parto veio de súbito, de surpresa. O pequeno planejava vir ao mundo um pouco mais cedo, para coincidir com a mais propícia posição dos planetas. O epitélio, notadamente grande, que fecha a cérvix durante a gravidez, acabava de sair. Este era o sinal mostrando a chegada do fim da gravidez. Reynière perdeu um bocado de sangue e pediu que o pai, Jean de Saint Rémy, viesse ao seu lado; ele era o médico da Corte do Bom Rei René, o antigo Conde de Provence. Ela estava estendida na cama, perspirando, e seu marido, Jacques, que chegou a alcançar a posição de tabelião público, correu apressadamente para o seu lado junto com o pai dela. As contrações já vinham com regularidade e com dores, até que, no auge, de repente cessaram. O semblante do pai era o de preocupação, tocando no ventre da filha com o seu toque profissional. Aliviado, o médico determinou que a criança a nascer estava se movimentando e que

Reynière estava perdendo o saco amniótico à taxa normal. As contrações regulares voltaram e as membranas romperam, o parto estava em bom andamento. Devagar mas com certeza, o corpo de Rayinière fez uma abertura para o bebê passar. A cérvix, fechada durante a gravidez, estava se abrindo gradualmente. O recém-vindo, curioso, estava lutando como se a sua vida dependesse dessa luta e a expulsão foi cansativa ao extremo. O parto iria durar umas 10 horas. Finalmente, a cabecinha emergiu com o olhar bem aberto, absorvendo criticamente o mundo. Jean e Jacques estavam maravilhados e se entreolharam com grande alegria. Em seguida, os ombros e o resto do menino deslizaram sem maiores problemas.

“Michel!” a mãe recebeu com orgulho o pequeno pacote molhado. Jean pegou com cuidado o bebê, que estava ligeiramente ensanguentado, ainda ligado ao cordão umbilical, e depositou-o no ventre da mãe. O menino nasceu com uma *coifa*\*. (membrana cobrindo a cabeça). Michel de Nostredame apareceu exatamente ao meio-dia do dia 14 de dezembro 1503, com os sinos da igreja Saint Rémy soando no fundo. Os pais estavam jubilosos com o primeiro filho, que teria um futuro seguro como Católico. Jacques e Reynière eram ambos descendentes de antigas famílias judias, mas alguns anos atrás, todos os judeus eram forçados, sob pena de morte, a converter ao catolicismo. Uma *menora* ainda estava, todavia, sobre a mesa, simbolizando o festival judeu das luzes, Hanukkah, que era celebrado naquele mês. Para estas festas especiais, a tradição foi honrada em segredo, mas Jacques sempre lia do Talmude. Desta vez, ele se dirigiu com cerimônia ao filho recém nascido, rodeado por toda a família, e lhe disse que o Talmude falava das maravilhas do Hanukkah. Michel, seguramente embrulhado em fraldas de recém-nascido, só ouviu alguns sons paternos.

Quando o pequeno, rastejando e mais tarde andando, começava a descobrir o mundo, ele se mostrou um garotinho muito curioso. Ele queria investigar tudo ao redor, examinando cada objeto. Ele se entusiasmava com as visitas, com cujos cabelos às vezes gostava de brincar. Em breve ele estendeu seus horizontes para fora de casa, onde ignorou as outras crianças de sua idade. Em sua opinião, elas brincavam sem rumo, indo aos círculos. Um dia, ele apagou o fogo na lareira com água e ficou sentado olhando para as nuvens de vapor com grande fascinação. Durante sua primeira visita ao mercado, a sua vocação apareceu. A família estava passando pelas bancas expondo as mercadorias. Por causa de sua pequena estatura, Michel se divertia com o que acontecia por baixo das mesas de taboa: restos de peixe, frutas apodrecendo, restos de sangue, sacos rasgados de juta, um rato roendo aqui e ali, e inúmeros pés ruminantes. Sua mãe prestava atenção a ele de perto. A família De Nostredame parou numa estante com artigos de vidro, querendo comprar alguma coisa bonita para as festas. No século anterior, só se via copos de beber no meio da elite social, mas agora o vidro era produzido em maior escala, que o tornava

mais acessível. O comerciante ansioso logo agarrou a louça mais delicada, colocando-a entre seus dentes, querendo impressionar a jovem mãe.

“Sabe, minha Senhora, louça de cerâmica e de madeira é funcional, mas muito feia. Louça de vidro é a última moda agora.” Reynière escutou alegremente, segurando a mão do filho perto dela.

“Temos muitos tipos de copos de vidro para beber,” ele continuou. . “Veja este copo esplendido com a haste em forma de funil, e taças tipo cálice com pés altos e graciosos. Ali atrás, copos de forma cilíndrica, decorados com bolinhas.

“E este, que tipo é?” ela perguntou.

“Estes são Birkemeiers, Senhora, copos de beber em forma de funil, adornados com bordas finas na base.”

O comerciante pegou tudo do armário porque a família aparentava ter dinheiro para gastar. Jacques achou que os copos com as bordas eram bem bonitos.

“Os de bordas são muito populares,” o comerciante repetiu imediatamente, “além destes copos de beber de baixos pés, pés de couve e Birkemeiers, naturalmente.”

“Para que servem os relevos?” indagou Reynière.

“Os relevos ou bolinhas dão um melhor aperto no copo.”

“E quais são os que vendem mais?” perguntou o marido.

“Os copos de vidro vendem particularmente bem. Objetos para despejar, como garrafas, são muito, muito caros.” O especialista foi aparentemente o único na área que possuía uma grande coleção de peças de vidro e ele mostrou com orgulho a sua garrafa mais bela. A família estava sendo completamente fascinada pelos seus produtos e Jacques perguntou ao homem se lhe permitisse de olhar a garrafa mais de perto. O pequeno Michel estava se comportando extremamente bem durante todo este tempo e olhava em silêncio as caixas meio-enchidas por debaixo da mesa. Em cima, Jacques pegou a peça de amostra desajeitadamente, que de repente escapou da sua mão. O choque esperado da caída porém não veio, e todo mundo ficou estupefato concentrando o olhar para baixo, onde o filho deles tinha apanhado com facilidade a preciosa garrafa. Ele levou o presente celestial aos lábios, após o que o dono pegou a garrafa das pequenas mãozinhas. Depois de muitas desculpas, a família desiludida foi

para casa sem ter comprado nada. Quando chegaram em casa, o pai, que escapou por um triz com apenas um susto, encheu o filho de elogios.

Os pais deixaram a educação do filho ao avô. Com o erudito Jean, ele estava em boas mãos. O astrólogo e ex-médico da corte ensinou ao neto não só matemática, mas também grego antigo, latim e hebreu, assim como os princípios básicos de astrologia. Jean levava o menino muitas vezes à aldeia à noite, assim podiam deitar-se no gramado e ficar contemplando as estrelas. Ali, ele lhe ensinou que o firmamento do norte podia ser visto melhor no inverno e os céus do sul no verão e que as constelações do inverno, como a Canis Major e a Canis Minoris, podiam ser facilmente encontradas, usando a estrela Orion como guia.

“Quando crescer, eu também quero ser uma estrela,” disse seu neto.

“Estranho de você dizer isso. Eu estava justamente pensando no conto onde alguém é posto no céu como estrela, é de castigo. O conto diz que o Orion estava correndo atrás das suas sete irmãs, as Plêiades. As irmãs ficaram apreensivas e rezaram por socorro, o que causou a deusa de caça vir socorrê-las, matando o irmão delas com uma de suas flechas. Então, Orion foi posto no céu como estrela. Mas eu não sei se isto for possível também para gente de carne e osso, Michel. Embora acabe de me lembrar, há uma menção disto nas antigas escrituras sagradas. Então, quem sabe? Aliás, as Plêiades são visíveis a olho nu. Olha, ali estão elas,” e Jean ergueu o seu braço para o céu negro.

“Aqueles estrelas parecem que estão tocando umas às outras,” o menino observou.

“Sim, assim parece, mas na realidade elas estão muito longe um do outro.”

Com a chegada da primavera, Vovô mostrou a Michel as estrelas Arcturus, Regulus e a Spica cintilante, as estrelas mais luminosas no céu primaveril, que juntas, formaram o Triângulo da Primavera. Naquele verão, as estrelas não foram claramente visíveis e não foi até o outono que o avô mostrou o cavalo alado, Pegasus, que às vezes fica difícil de achar porque está de cabeça para baixo. Através dessas pequenas excursões o Michel aprendeu a reconhecer as constelações e os pais continuavam a se queixar que ele e o avô sempre chegavam tão tarde à noite para casa.

Uma noite clara, quando Jean levava seu neto a passear outra vez, o tempo mudou de repente e tudo ficou escuro. Nenhum corpo celestial era visível e Michel amaldiçoou as nuvens escuras que estavam se juntando. Naquela noite, o pequeno maroto ficou se tornando e virando na cama, separada por longas cortinas dos outros lugares de repouso, não podendo dormir. Ele ainda estava zangado e desapontado, quando de repente, as venezianas da

janela se abriram e um violento furacão o arrancou da cama. Ele mal conseguiu agarrar se à soleira da janela, com o seu corpo balançando por fora. Naquele momento, Reynière foi acordada pelo seu instinto materno e tremendo, sacudiu o marido para desperta-lo. Os dois correram para junto da criança que estava em perigo mortal. Juntos, puxaram a criança para dentro do quarto e fecharam a janela firmemente. Não tendo realizado o que realmente tinha acontecido, voltaram a dormir. Pouco depois, a janela foi puxada aberta outra vez. Novamente, o vendaval dirigiu sua energia para a criança dotada, com uma fúria febril. Dessa vez, os pais estavam lá num instante, impedindo a catástrofe antes que ele fosse chupado fora do quarto. As venezianas foram fechadas a pregos permanentemente. Esta foi uma lição que o filho nunca esqueceria. Ele resolveu nunca mais amaldiçoar qualquer pessoa ou coisa que fosse.

Um dia, uma mensagem chegou de Pierre de Nostredame, o avô paterno de Michel. O Pierre e a esposa moravam em Grasse e convidaram a família inteira a viajar e passar com eles algumas semanas. Pierre também era um médico do tribunal, ao serviço do filho do René, o Rei Bom. Depois que o paciente dele foi assassinado em Barcelona, Pierre se instalou na cidade do perfume em desenvolvimento. Jacques e Reynière decidiram aceitar o convite. Muitas preparações tiveram que ser feitas para a viagem, porque Grasse não estava exatamente ao lado, além do mais, eles tiveram mais quatro filhos com o passar dos anos; todos meninos. Uma casa cheia. Algumas semanas depois, a família estava pronta e todos subiram na carruagem alugada, que foi puxada por um time de cavalos. Pai, mãe e três filhos. Jean ficou em casa com os dois menores. Depois de alguns dias, eles alcançaram Cannes, e de lá um caminho os conduziu pelo interior em direção a Grasse. A paisagem era rodeada por todos os lados por colinas cobertas de árvores de folhagem luxuriante, convidando-os a repousar. Teria sido melhor se eles não tivessem parado, porque o pequeno Hector logo desapareceu e levou três horas para encontrá-lo numa racha nas pedras. E adivinhem quem o achou? Claro que foi Michel! Hector levou umas bofetadas e eles continuaram pelo caminho afora. Atrás deles, podiam de vez em quando vislumbrar o Mar Mediterrâneo. Não havia muitas flores crescendo na região do perfume. O verão estava no fim e as abelhas estavam procurando as últimas gotas de mel. Finalmente, eles viram Grasse, situado numa ladeira da montanha, cercado por campos que só exibiriam novamente suas flores na primavera. Quando entraram na rica cidade comercial, os meninos ficaram encantadíssimos com todas as visões. Havia todos os tipos de produtos de couro que, como dissera o pai, tinham recentemente espalhado um cheiro horrível. Para dispersar o cheiro penetrante do couro, o povo de Grasse adotou o método de saturar o couro numa mistura de gorduras animais e de flores. Necessidade é a mãe da invenção e deste modo, bolsas perfumadas, luvas e cintos se transformaram num verdadeiro furor da moda. A carruagem prosseguia laboriosamente, passando por muitas lojas exibindo mercadorias de couro,

mas finalmente eles alcançaram o Place aux Aires onde os avôs viviam. Bertrand abriu impulsivamente as portas da carruagem para sair o mais depressa possível e começar com as brincadeiras, mas o pai o mandou parar.

"Primeiro você vai cumprimentar seus avós, rapaz", ele disse. Enquanto isso, Pierre veio para frente, oscilante, e se pôs a carregar as malas para dentro. Apesar da sua idade avançada, ele era muito vigoroso e ainda trabalhava no grêmio dos médicos. Depois de beijar o Vovô, os três irmãos correram extaticamente para a cidade afora, embora inteiramente desconhecida, mas ah, tão atraente...

"Deixe que eles brinquem um pouco", Reynière disse, fatigada, ao marido, "isso nos dará a oportunidade de desembalar em paz.". As crianças, enquanto isso, ficavam desfilando em frente dos perfumadores, caldeiras de sabão, destiladores e outros comerciantes. Grasse era uma cidade deslumbrante, mas também muito suja e os esgotos abertos mal podiam tomar conta das montanhas de lixo. Não obstante, as ruas cheiravam maravilhosamente. Havia caixas, bolsas e balões cheios de água de flor, óleos, vinho, sabão de lavanda, erva e couro perfumado, por todos os lugares. Michel, de onze anos, sentiu-se num paraíso virtual para os sentidos e estava particularmente encantado com um aroma específico que o levou a uma ruela.

"Aonde você vai agora? " Bertrand e Hector exclamaram, surpresos. Mas Michel não disse e seguiu a pista estreita em direção a uma arcada que conduzia fora da cidade. Em baixo do arco de pedra ele parou por um momento, fechando os olhos e inspirou o aroma. Aqui, o cheiro era o mais pungente. Ele inalou o odor estranho que era ao mesmo tempo doce e profundo. Alguns minutos depois ele voltou, satisfeito, e viu os irmãos brincando na praça. Os dias voaram nesta cidade fantástica, e o amanhã seria extraordinariamente excitante: eles iriam visitar uma famosa perfumaria. O avô Pierre e Dona Amalfi, dona da fábrica, eram amigos. Ela tinha prometido à família uma visita guiada através da fábrica. Aquela manhã, eles foram andando entre os compradores potenciais que tinham vindo de longe e de perto, e Amalfi os levou pessoalmente para a visita. E todos os distinguidos convidados viram Hector com o dedo dentro do nariz, que depois foi castigado pelo pai. Amalfi, enquanto isso, falava aos convidados da sua famosa linha de perfumes.

"Estes frascos cerúleos contêm vários tipos de água de toalete Soliflores para mulheres". Depois da introdução, o grupo passou para a próxima mesa, enquanto o outro filho começou a ser problemático. Bertrand tentou furtivamente abrir os frascos.

"Não os toque, Bertrand", o pai advertiu. A senhora felizmente não tinha notado e continuava: "Soliflores é uma água de cheiro feita de um só tipo



de flor, planta ou fruta". Depois de uma relação elaborada do assortmento, os convidados a seguiram para a outra sala onde estavam expostos dispositivos engenhosos.

"Estes são nosso alambiques de destilação. A destilação foi desenvolvida pelos árabes". Escutando atentamente, Michel e o avô ouviram Hector choramingando à mãe que ele precisava urinar. Isto distraiu a dona da fábrica e ela tossiu agitada.

"Está certo, vai depressa para fora, mas fique quieto! " Reynière comandou o filho.

"O Jasmim vem originalmente da Índia que os marinheiros espanhóis introduziram há algum tempo em Grasse e por toda África do Norte. Maître Gantier conseguiu adquirir o monopólio dela", continuava a Senhora.

"Esta é uma boa oportunidade para comprar um pouco de perfume", Reynière sussurrou ao marido. Jacques concordou distraidamente, pois estava completamente envolvido com os cuidados aos filhos. Felizmente, eles estavam seguindo Pierre e estavam momentaneamente se comportando. O pai até que conseguiu pegar a última parte da história:

"Se eu comparar isto com o jasmim que compro no estrangeiro, eu vejo que o jasmim de Grasse tem mais profundidade e volume. Oh, eu poderia contar-lhes muito mais sobre nossa perfumaria, mas está na hora de terminar a visita. Há alguma pergunta ou comentário?" Inesperadamente, Michel avançou com panache e perguntou se ele poderia dizer algumas palavras. O pai estava começando a ficar com dor de cabeça com esses comportamentos imprevisíveis dos filhos, mas Dona Amalfi ficou bastante encantada com o pedido do menor e estava de acordo. O coração de Michel começou a bater mais rapidamente. O pequeno profeta endireitou os ombros e com grande força, pronunciou a sua primeira profecia:

"Um dia, esta perfumaria ficará famosa. Isto será graças a um estudante com um nariz excepcionalmente bom. O nome dele é Montesquieu e ele produzirá três perfumes surpreendentes. No auge da sua carreira, ele criará um perfume estranho com o cheiro dos corpos de moças recentemente assassinadas. Depois da morte dele, o seu sucesso diminuirá." Com isto, o pré-adolescente terminou a sua oração e seguiu os pais com dignidade. Todo o mundo ficou estupefato e mesmo Amalfi não soube responder. Jacques decidiu não castigar o filho, porque o menino tinha seguido todas as regras de boa conduta. Ninguém mencionou a escura profecia novamente; eles não puderam fazer dela sentido algum. Um pouco embaraçado com o comportamento estranho do neto, Pierre agradeceu à

proprietária a fascinante visita e a família voltou para casa. Logo, as férias iriam terminar.

Vovô Jean estava muito contente com o retorno, especialmente por causa de Michel, com quem ele tinha desenvolvido um laço especial. Quando a carruagem apareceu na rua deles, a Rue des Remparts, os olhares dos dois imediatamente buscaram contato. Hector e Bertrand estavam mortos de cansaço da longa viagem e foram diretamente para cama, mas Michel ainda estava cheio de entusiasmo pelo seu desempenho. Febrilmente, ele discutiu a estranha profecia e o seu desejo de falar com o avô. O cheiro estranho em Grasse tinha despertado algo nele, informou o pré-adolescente. Jean o levou a sério e sugeriu que compartilharia todos os seus conhecimentos relativos à astrologia com ele, mas agora Michel teria que ir para cama. Levou horas antes que a febre diminuísse na sua cabeça, mas finalmente dormiu.

Alguns meses depois, Vovô pegou um momento propício para avançar a educação do neto primogênito em astrologia. Ele decidiu contar todos os pormenores, levando-o ao sótão. Este era o lugar pessoal dele e ninguém era permitido de bisbilhotar ao redor sem ser convidado. Especialmente não permitidas eram as crianças, porque ele receava que os seus instrumentos delicados pudessem ser danificados ou os seus documentos se perderiam. Do seu fauteuil, o avô contou a Michel que ele tinha conseguido pegar uma peça engenhosa de equipamento há algum tempo atrás em Paris. Consistia em duas lentes polidas dentro de um tubo pelo qual você poderia ver muito longe.

"Graças a esta invenção, um inteiro mundo novo se abriu para mim", ele disse, "e em minha mente, você tem agora idade bastante para entrar neste mundo. Eu prevejo um grande futuro para você. Você tem capacidades mentais excepcionais e isso é por que eu vou lhe contar agora tudo que sei sobre astrologia. Até agora nunca permiti a ninguém de permanecer neste quarto sem supervisão, mas para você eu estou fazendo uma exceção. Eu lhe dou agora permissão de usar todos os meus instrumentos e livros a qualquer hora que você quiser. Com isso, o avô se levantou e pegou um objeto grande de debaixo de um pano pardo.

"Usando este copo-espião, rapaz, você pode ver os planetas tão de perto que parece que você está ali. Mas primeiro, eu lhe darei algumas teorias, antes que explorássemos os céus". O neto estava olhando para o dispositivo excitante, seus olhos grandes como discos.

"A Astrologia procura a relação entre eventos no cosmos, na terra e nos seres humanos. Mas nós já não falamos sobre isto antes?" Michel sacudiu a cabeça - "não."

"Minha memória não é mais o que era, meu rapaz. Através desta pesquisa podemos usar a informação por um momento mais ou menos, para localizar uma série de eventos que a seguem. Em outras palavras: disto, nós podemos predizer o futuro. Isto é muito mais difícil do que parece. Desde o tempo imemorial foi aceito que o Sol, a Lua e os planetas influenciam nossas vidas aqui na Terra". O avô se levantou novamente, abriu a veneziana do sótão e colocou o copo-espião na sua base.

"Venha e fique de pé aqui. Há pouco o sol se pousou e nós provavelmente poderemos ver vários planetas. Deixe-me ver se... ali está! Olhe, Michel, pouco acima dos últimos raios do sol: Mercúrio, o planeta do intelecto e das capacidades mentais". Seu neto olhou pelo dispositivo e descobriu um planeta rosa que estava cintilando. Jean continuou.

"Como você sabe, a Terra gira ao redor do Sol em um ano e não ao contrário segundo as reivindicações da Igreja. Eles também estão insistindo que a Terra é plana e que você pode cair dela. Burrice! Eles preferem manter ignorantes os seus súditos."

"Mas o Sol também não faz um círculo todos os anos? "

"Sim, mas não ao redor da Terra, mas ao longo de vários grupos de estrelas. Esses grupos todos juntos são chamados o Zodíaco. Por exemplo, há os Gêmeos, Áries, Touro, etcetera."

"Eu sou um Sagitário."

"Inegavelmente, meu menino, mas levará algum tempo antes que o Sol passará por lá, porque nós não estamos vivendo atualmente na era de Sagitário."

O vovô olhou novamente pelo copo espião e continuou o seu relato.

"Mercúrio sempre está perto do Sol e por isso nem sempre é claramente visível, mas esta noite nós temos sorte", e ele passou-lhe o dispositivo.

"Aquele planeta não é muito excitante", disse Michel, enquanto investigava através das lentes.

"Bem, você devia ver a Lua", e Jean observou serenamente o corpo celestial no firmamento sem nuvens. Havia genuíno amor entre o avô e o neto. Talvez porque eles eram tão semelhantes. Eles tinham os mesmos interesses e eram de leve estatura. Só que o mais jovem ainda teve a vida pela frente e o Vovô obviamente não a tinha mais.

"É isto que você quer ver", disse Jean e deu um passo ao lado.

"Puxa! " exclamou Michel e contemplou a Lua gigantesca, cheio de crateras, montanhas e fendas.

"Alguém ali está dando voltas, Vovô".

"Ha-ha, isso é engraçado. Mesmo se isso fosse possível, a distancia é grande demais para sermos capazes de ver tão detalhadamente."

"Eu posso realmente vê-lo", o menino insistiu. "Ele está plantando uma bandeira com faixas e estrelas vermelhas e brancas". Jean fez um semblante de incredulidade e pegou o copo-espião. Lá estava a Lua, tão familiar a ele, distante demais para poder ver uma pessoa sobre ela.

"Eu não vejo o que você está vendo, Michel".

"Talvez isso seja algo que acontecerá no futuro? "

"Tudo é possível, meu menino, mas eu só posso falar de assuntos sobre os quais eu sei alguma coisa. Eu ainda quis explicar a você como lançar um horóscopo", e eles se sentaram na cama, deixando os céus para si.

"Para calcular um horóscopo, você precisa de várias informações, isto é, a data, a hora e o lugar de seu nascimento, mas a coisa mais importante é a data do nascimento. "Deixe-me mostrar-lhe o seu próprio horóscopo como um exemplo". O avô olhou para uma gaveta na escrivaninha e tirou um pedaço de papel coberto com símbolos estranhos.

"Aquele é o meu? "

"Deixe-me ver: nascido em Saint-Rémy, no dia 12 de dezembro de 1503. Sim, este é seu."

"É de fato o dia 14."

"14º? Eu devo ter marcado errado no topo, porque eu sempre confiro tudo três vezes. Deve ser velhice", e Vovô se desculpou. "Em todo caso, você tem um horóscopo carregado com três planetas exteriores: Marte, Júpiter e Saturno. Por causa desta configuração feroz, você precisará de disciplina férrea para controlar o seu poder criativo. Se você não suceder nisso, o poder poderá se tornar destrutivo."

"Você quer dizer, igual a Sansão que fez um templo inteiro desmoronar? "  
"Hmm... esta comparação não é tão boa. Em todo caso, você terá que aprender a canalizar suas energias. E lembre-se sempre, que em todas as

peessoas existe tanto o bem como o mal", e Jean chamou a sua atenção ao horóscopo.

"Este quadro aqui mostra as doze casas e...". Mas a voz dele hesitou de repente.

"Eu estou cansado", ele ofegou, "mas se você quiser aprender mais, tudo está descrito naquele volume massivo ali" e ele apontou para uma estante. O avô não estava mais acessível.

Com o passar do tempo, Jean e Michel tornaram-se cada vez mais devotados um ao outro. Frequentemente eles passavam o dia inteiro num velho convento \* que ficava escondido algumas milhas ao sul de Saint Rémy. Eles passavam horas lendo bíblias originais. Michel aprendeu, acima de tudo, rezar ao Deus Cristão e seguiu sem esforço as escrituras sagradas católicas, apesar da sua origem judía. Afinal de contas, Deus é o mesmo do Velho Testamento, pensava ele. Jean sempre murmurava enquanto rezavam, pelo menos quando ninguém estava ao redor. Do priorado, quando o tempo estava bom, eles caminhavam através dos campos rodeados de lavanda, onde tinham encontrado uma estrutura misteriosa, meio-escavada em forma de pirâmide. O avô bem lido podia comentar sobre quase tudo.

"Dos tempos gregos antigos", ele disse sobre a estrutura enquanto repousava nela. Michel, ao contrario, estava cheio de energia e foi fazer explorações pela área enquanto Jean tirava a sua pequena soneca habitual. Um dia, o menino voltou todo excitado.

"Perto daqui, há todo tipo de buracos escavados das rochas, Vovô. Venha e veja! " Mas Jean ficou tranquilamente onde estava e calmamente explicou que há muito tempo, pastores tinham feito esses buracos para as suas cabras para protegê-las de predadores. Aparentemente, ele já os tinha descoberto antes. Uma vez, ele mal podia se levantar e Michel literalmente teve que arrastá-lo para casa.

Durante a adolescência, o jovem começou a notar as meninas e esta era uma boa oportunidade para o seu mentor falar sobre o casamento de duas almas. Ele explicou como as almas masculinas e femininas podem fundir-se e o princípio masculino/feminino é representado em todos os lugares no universo.

"Você quer dizer que há planetas masculinos e femininos também?" perguntou Michel.

"Os planetas são, em princípio, todos femininos. É por isso que o nosso planeta é chamado Mãe Terra, Jean respondeu.

"E nós temos alguma coisa a dizer, no cosmos? "

"Bem, as estrelas são masculinas, em contraste com o pó e a escuridão, que são femininas. Estas eternas polaridades também são a essência da alquimia."

O menino passou a maioria de sua infância ao ar livre com o avô e os pais não viram muito do filho durante seu rápido desenvolvimento. Eles só estavam juntos nas horas da refeição. Não era só a culpa de Michel ou de Jean que eles viram tão pouco um do outro; Jacques trabalhava na prática do tabelião o dia todo e Reynière, além de cuidar da casa, tinha as mãos cheias com as crianças menores. Antoine, de sete anos, era um caso especialmente difícil, porque sempre exibiu um comportamento obstinado. Quanto ao resto, Michel se dava bem com os irmãos pequenos, mas brincar com eles? Não, havia pouca chance para isso.

As estações passaram muito agradavelmente, até aquele dia triste. Eles encontraram o querido velho Vovô nos seus aposentos. Ele tinha morrido de velhice. Michel tinha observado a sua deterioração por uns tempos e sabia que o fim estava previsto. Não obstante, foi um evento devastador.

Estava chovendo no dia do funeral de Jean de Saint-Rémy. Mantiveram vigília sobre o corpo na casa revezando-se até que o levaram para o serviço do enterro. Todos os membros da família estavam lá. O velho Pierre e a esposa tinham vindo de Grasse, como também as três irmãs de Jean e os primos mais próximos de Marselha. O serviço católico de oração teve lugar na igreja de Selongey. As famílias caminharam para a igreja onde o caixão tinha sido colocado. Os avôs de Michel estavam andando tão devagar, que ele teve tempo suficiente para observar as casas caprichosamente enfeitadas com torres na Place des Halles. Finalmente chegaram à igreja onde a multidão de amigos e conhecidos se tinham juntado. À entrada, um homem alto de cabelos ruivos por acaso foi de encontro com Michel. Os sapatos dele estavam cobertos de pintura. Aparentemente ele não era um convidado, mas quis entrar. Michel não prestou muita atenção a ele e o cortejo fúnebre moveu lentamente pelo imponente portão em forma de arco. Jacques e Reynière foram os primeiros para passar uma fileira de pilares na igreja e eles foram seguidos por Michel e os quatro irmãos em ordem cronológica. Reynière foi superada por emoção, de vez em quando derramando uma lágrima para o pai. O público estava sentado nos bancos de madeira na capela principal, onde o caixão estava montado na área central. A igreja de Selongey tinha várias capelas que estavam iluminadas por janelas com divisões cor de sangue. Bem ali no alto estava pendurada uma pintura de um apóstolo. A última pessoa a entrar tinha achado um lugar e o Padre Bergé, com um manto vermelho desbotado sobre os ombros, começou o sermão. O serviço

funerário era, como todos sabiam, em função da purificação e o eterno repouso da alma do defunto.

"Quando alguém morre, isto significa que ele irrevogavelmente deixa este mundo. Esta pessoa então estará com Deus. Este não é um fim, mas um novo começo. Aqueles que viveram vidas exemplares irão para o céu, e aqueles que viveram vidas de pecadores irão para o inferno. A transição da vida para a morte nem sempre é uma passagem harmoniosa. Mas Deus protege todos nós, porque ele compreende as vidas complicadas dos seres humanos e aceita todos como eles são." O Padre então folheou a Bíblia desajeitadamente por detrás da estante e começou a ler uma longa passagem em latim. Michel deu uma olhada e reconheceu a fonte de metal da água santa na forma da torre da igreja de cabeça para baixo, na qual um dos seus amigos tinha quase se afogado uma vez. Velas queimavam por todos os lados, havia tantos que até mesmo o tumulto do fundador da igreja na capela dianteira foi iluminado. A sua imagem gravada era visível à entrada. Jean tinha conseguido interessar o neto pelas artes e a cultura há muito tempo. Eles tinham visitado juntos a igreja de Selongey várias vezes. Michel conhecia bem o interior e tinha mais vontade de examinar os murais do que ter que escutar o som monótono da voz de Bergé. Ou a abóbada blindada na sacristia! Mas não podia, é claro. Embora soubesse que o avô estaria perfeitamente de acordo. "A vida antes da morte", ele sempre dizia. Finalmente, o criado de Deus elogiou o defunto pela caridade dele, no seu francês ordinário, e as visitantes se sentaram novamente em posição reta. Michel viu o *carillonneur*, que era quase surdo, se levantar. Ele estava ansioso para subir para junto dos seus quarenta e oito sinos da igreja para tocá-los, e começou a subida pelas escadas da torre. Enquanto isso, o padre borrifava o corpo com água benta, perfumando-o com *Frankincense*. Isto indicava que o corpo do defunto estava num estado de santidade perante Deus. O assistente rezou mais algumas orações pedindo perdão por alguns pecados de Jean. Depois dos hinos, o padre e os ajudantes procederam para fora da igreja com os carregadores da mortalha, seguidos pelo caixão. Todos se juntaram caminhando atrás deles. Os sinos da igreja estavam tocando e todos alcançaram o cemitério em silêncio. A família, amigos e outras pessoas interessadas que se tinham juntado, reuniram-se ao redor da sepultura que tinha sido preparada, para onde os portadores da mortalha abaixaram lentamente o caixão. Reynière depositou algumas flores apressadamente sobre o caixão antes que o padre levantasse a cabeça em silêncio, abençoando a sepultura e dizendo um "Padre Nosso". Depois de terminar a oração, ele lançou um punhado de terra sobre o caixão, com as palavras, "Terra para terra; cinzas para cinzas, pó ao pó". Então todos disseram adeus ao jovial Jean depositando os seus próprios punhados de terra sobre o caixão, com Michel vendo o falecido amigo lentamente desaparecer. Finalmente, Jacques agradeceu a todos pelas suas presenças em condolência e a família tristemente voltou para casa.

"Este sótão é tão sem vida e desolado agora", Michel murmurou, quando a mãe foi chamada inesperadamente escada abaixo por um dos filhos.

"Eu voltarei logo, Michel", e deixou-o no sótão. Da janela do sótão, ele deu uma boa olhada pela cidade. Ele descobriu uma casa nova à meia milha de distancia, que fora construída sem que ele tivesse percebido. Uma das janelas da casa estava aberta; era de vidro, sem precedente...mas estava muito longe para ver bem.

Eu sei que posso usar o copo-espião de Vovô, ele lembrou de repente e logo podia vislumbrar todos os pontos daquela casa. Então o jovem não pôde resistir à tentação para dar uma olhada por dentro. Ele viu um homem alto, de cabelo curto, escuro, que estava trabalhando concentradamente diante de um cavalete de pintura.

Por que alguém queria imitar girassóis? Michel ponderava com surpresa. A pessoa desconhecida estava de pé diante de uma tela e repetidamente mergulhava o pincel na tinta. Num certo ponto, ele apanhou outro pincel, usando-o para pintar os detalhes finos, novamente olhando para os girassóis reais que estavam arranjados negligentemente sobre uma mesa atrás da tela. De repente, o artista sentiu que estava sendo observado, virando-se bruscamente. O voyeur se assustou fora de si e se sentia apreendido, embora possivelmente não pudesse ter sido visto, pensou. Se bem que era como se o estranho estivesse encarando ele, embora amigavelmente. Foi só então que Michel percebeu que este era uma outra espreitadela no futuro. O outro mundo dissolveu quase instantaneamente depois disto. A casa também tinha sumido. É pena, não ter ninguém para poder compartilhar o meu devaneio, pensou tristemente.



## Capítulo 2

Alguns meses depois, Michel, que já estava com 16 anos, foi estudar astrologia em Avignon. Seus pais lhe deram permissão de fazer esta escolha fora do comum para os seus estudos universitários, apesar de suas reservas. Avignon ficava a apenas 20 milhas de Saint-Rémy, de modo que ele poderia facilmente visitar seus pais e seus irmãos. Avignon era uma cidade muito importante, por ser o lugar onde se situava o Palácio do Papa. Desde 1304 havia uma série de papas franceses e esses chefes religiosos foram todos morar em Avignon, porque a chance de sobreviverem em Roma não era grande. Desde então, a cidade francesa e seus arredores eram de propriedade papal. Jacques ficou ciente de que a Sra. Plombier, cujo marido tinha morrido da praga seis meses antes, iria mudar-se para Avignon com suas filhas para morar com parentes. Michel poderia ir junto, se ele ajudasse a viúva com os pertences da casa. Ele não tinha problemas com isso e marcaram a data. A Sra. Plombier fazia a arrumação da casa desde a semana passada e toda sua propriedade fora empacotada, esperando pelo seu jovem companheiro de viagem. No dia da partida, Michel bateu na sua porta e começou a carregar e encher a velha carroça vacilante de acordo com as instruções dela. Com os vizinhos arregaçando as mangas também, o lote inteiro foi logo empilhado. Então a Senhora tomou o seu lugar no assento de frente, e, com as duas meninas, saíram rolando à Rue des Ramparts, para que o seu companheiro de viagem se despedisse de sua família. Todos aguardavam ansiosamente, enquanto a viúva, que não tinha muita experiência, puxou as redes para parar o cavalo. Michel pulou do vagão e abraçou o pai e a mãe. Esta estava muito triste.

"Parece que dizer adeus está se tornando uma ocorrência freqüente", Reynière lamentou, com lágrimas rolando pelo seu belo rosto.

"Eu virei visitá-los em breve", o filho prometeu.

"É melhor fazê-lo", disse o pai, dando-lhe um abraço. Quando o estudante novo em folha disse adeus também aos irmãos, era hora de ir. Todos acenavam, até que o cavalo e a carruagem desapareceram de vista. Mal se distanciavam de Saint-Rémy, começou a chover. Estava caindo por baldes e escureceu tão rapidamente que era de assustar. Felizmente a mulher às redes estava preparada para a chuva e com a ajuda de Michel, estendeu uma tela por cima da carroça. Durante um relâmpago o cavalo ficou inquieto e a viúva mal conseguiu controlá-lo. Suas filhas, de cinco e sete anos, ficavam encolhidas bem debaixo da tela. O caminho logo ficou quase impassável por causa da abundante água de chuva e parecia que estavam em dificuldade. A meio-caminho, eles podiam ver fogos ameaçadores em ambos os lados da estrada. Corpos estavam sendo queimados. A praga, o maior desastre na história da humanidade tinha mais uma vez extorquido o seu preço e a terrível doença rugia

furiolosamente por toda Europa. Madame já sabia, como ninguém, a razão destes fogos. Há pouco tempo, o seu marido tinha sido cremado para impedir que a praga se espalhasse mais. Mas ela agüentou corajosamente e continuava a conduzir. De repente, ouviram gritos ao longe, alguém parecia gritar por socorro. Decidiram ignorá-lo e continuar o caminho. A chuva continuava com um furor extraordinário e para piorar a situação, um vento vicioso começou a uivar. O cavalo mal podia mais puxar a carroça para frente, deslizando continuamente na lama. Estava cansado e mesmo um metro era uma vitória. Gradualmente, uma violenta tempestade se formou e ramos e arbustos voavam através da estrada.

"Inferno e danação" proferia a senhora ocasionalmente. Tiveram que parar muitas vezes, assim Michel arrastava os escombros fora do caminho. Depois de muitas horas de tempestade bestial, eles alcançaram a região papal. Estavam exaustos e completamente encharcados. Um obstáculo a mais teve que ser enfrentado: cruzar o rio Rhône. Com um vento frontal eles chegaram à famosa ponte de Avignon. Até lá, a Sra. Plombier e o seu companheiro viajante estavam revezando o assento do condutor, mas assim que chegaram à ponte onde o vento se tornava especialmente perigoso, a viúva preferiu manter controle das rédeas. Ela estava a ponto de encorajar o cavalo a cruzar as águas bravas, quando Michel gritou "Páre!" Imediatamente, ela puxou nas rédeas que fizeram o cavalo relinchar e a carroça parar abruptamente. A menina menor começou a chorar e a irmã tentou confortá-la.

"O que está acontecendo? " a mãe perguntou com surpresa. De Nostredame não disse nada, saltou fora da carroça, caindo na lama. Então ele avançou sem trepidação através da tempestade em direção à ponte, com o seu casacão agitando no vento. Quando chegou ao conector de pedra, ele parou por um momento, os olhos na estrada. Ele sentiu o rio inchado correr além das pilhas e caminhou de volta novamente.

"O que é que você está fazendo?" Plombier gritou.

"Todo o material tem que ser carregado fora do vagão" ele respondeu, mal audível pelo vento volátil.

"Você está louco? " Michel subiu no assento do condutor e se explicou.

"A ponte está a ponto de desmoronar! "

"Idiota, vagões têm cruzado esta ponte por anos", ela disse, irritada. O estudante pulou para fora da carroça em protesto e se sentou na lama com os braços cruzados. Depois de uma curta deliberação, ela decidiu obedecer.

"Certo, contanto que você esteja disposto a fazer o trabalho", ela exigiu, ponto em que o jovem começou prontamente a arrastar as malas para o outro lado. Enquanto isso, a mãe pegou as crianças do interior da carroça e juntos seguiram o estranho companheiro. No outro lado do rio a pequena família procurou abrigo ao lado de um precipício, enquanto Michel voltou para junto do cavalo e da carroça. Depois de muito esforço, ele trouxe todos os pertences, amarrou uma longa corda ao cavalo e caminhou com ele até a ponte. Por cima deles, nuvens ameaçadoras estavam passando e o

cavalo recusou a se mover. Michel incitou-o, puxando-o com firmeza - o cavalo amedrontado pisou adiante e o vagão começou a mover lentamente. Eles chegaram à velha ponte que parecia inteiramente sólido, não mostrando nenhum sinal de defeito, e assim o estudante conduziu o cavalo e a carroça, atravessando a ponte. Depois da travessa sem problema, a Senhora fez uma careta azeda e recusou-se a pronunciar outra palavra. Depois que a carroça tinha sido novamente carregada, a viagem continuou. Finalmente, eles estavam chegando à cidade grande. Chegaram logo antes do pôr-do-sol e pouco depois estavam se sentando, aconchegados e seguros em frente a uma lareira crepitante com a família Plombier. Depois de uma boa refeição e um bom repouso noturno, os seus caminhos se separariam. O moço expressou sua gratidão pela hospitalidade e pegando suas coisas, começou a caminhar em direção à universidade. No centro de cidade, o prefeito estava anunciando as últimas notícias e o estudante se juntou à multidão que estava se reunindo. "A ponte de Avignon desmoronou", o prefeito começou, desenrolando teatralmente um pergaminho. "Sete pessoas morreram esta noite. A ponte já foi destruída uma vez em 1226. Como podem ver, Deus não quer esta ponte aqui. Nosso construtor de pontes, Bénézet, foi declarado um santo em tempos passados, injustamente". A multidão foi se aglomerando e a visão de Michel estava sendo bloqueada, mas ele tinha ouvido bastante e começou a se distanciar.

Uma atmosfera severa penetrou em Avignon, cuja história começou no alto do precipício acima do rio. A cidade, uma vez o centro de uma tribo Céltico, odiava visitas. O seu avô falava sobre a crueldade do povo de Avignon, há muito tempo atrás. "Em Paris eles discutem, mas em Avignon eles metem uma faca em você", ele tinha dito. Avignon estava situada na famosa Via Agrippa, a estrada principal entre Colônia, Lyon e Arles. No Parc des Papes Michel se sentou num banco do parque para acalmar a cabeça. Concentrou-se nos velhos carvalhos em frente à universidade, antes da sua iniciação. Ultimamente, o calouro estava tendo muitos sonhos que às vezes ele não pôde distinguir da vida real. Ele teria que encontrar alguma técnica para esclarecer o assunto. Talvez os seus estudos de astrologia lhe dariam a ajuda que ele buscava. Depois dessa pequena indulgência em ponderação ele foi encontrar e conhecer os seus professores e, ao conselho deles, ele se mudou para um pequeno quarto na Rua St-Agricol, uma pequena rua perto da universidade. A partir daquele dia, ele caminhava diariamente ao edifício escolar, através do centro da cidade. Do Rocher des Doms ele bem podia traçar o mapa da cidade. O Rocher des Doms era o penhasco que se ressaltava sobre tudo e de onde era fácil explorar a cidade. O Michel normalmente preferia passear ao longo das grandes avenidas, porque lá ele podia melhor concentrar nos seus estudos. Ele se deu bem com vários estudantes, embora eles logo sentissem ciúmes do jovem sumamente inteligente. Na escola esotérica ele acumulou conhecimentos úteis nos primeiros meses. Ele aprendeu que o

homem possui vários corpos, um total de sete: o corpo físico, o vital, o astral e o mental e, num nível mais alto, os corpos causal, buddhi e atma. Ele aprendeu que estes representam os sete níveis de consciência e que os planetas e estrelas também são compostos dos mesmos. Todos estes corpos estão ligados uns aos outros e estão presentes em todas as pessoas, pelo menos em forma dormente. O corpo material visível é o tipo mais rudimentar. O corpo vital une o material e provê a energia requerida. O corpo astral é ligado às emoções e se revela principalmente no mundo dos sonhos. O corpo mental representa o pensamento e o corpo causal só se desenvolve quando o pensamento examina as profundidades de causa e efeito completamente. Buddhi é o estado de uma pessoa desperta de verdade e atma é o respiro da vida, uma condição que é alcançada quando alguém se torna unida ao Todo, que é e o aspecto individual dissolvido. Era uma teoria excitante, mas não havia nenhum exemplo prático.

Um dia, o industrioso estudante do primeiro ano foi para o Place de l'Horloge às cinco horas da manhã para fazer exercícios. A praça ainda estava imaculadamente limpa àquela hora, sem ninguém lá para aborrecê-lo. Depois de terminar os exercícios, ele foi andando pelas ruas em bom espírito e tinha chegado aos arredores da cidade, quando várias carruagens com guardas apareceram de repente. Uma interrupção misteriosa aconteceu, vários homens começaram a trocar apressadamente os cavalos usados por cavalos novos. No interior de uma dessas carruagens estacionadas estava sentado um homem pequeno e gordo, decorado com muitas distinções, entalado firmemente entre dois guardas de sólida aparência.

Aquele sujeito deve ter cometido algum tipo de crime, pensava o estudante. Obviamente, a escolta tinha chegado cedo para não chamar atenção indesejada. A troca de cavalos e a estocagem de abastecimentos tomaram algum tempo. Enquanto isso, Michel olhava fascinado para o prisioneiro. Aquele homem deve ter ilusões de grandeza: ele tinha o ar de um imperador. De repente, havia uma grande comoção. Hordas de Avignonenses vieram correndo do Porte St-Lazare em carruagens, para se vingarem do "pequeno cabo da Córsega". O guarda de cidade tentou controlar a revolta, mas não havia ninguém que pudesse controlar os cidadãos furiosos que cercaram a carruagem no centro da praça. Chamaram o prisioneiro enfeitado de todos os nomes do livro. Outros insurgentes lançaram pedras sobre ele ou ameaçaram-no com suas espadas. Alguns minutos depois, várias pessoas saltaram sobre a carruagem, escalando adentro e começando a rasgar-lhe as distinções de honra. Um oficial que se apressava em chegar perto conseguiu acalmar os temperamentos aquecidos, depois do que os últimos cavalos foram dispersos. A carruagem assediada contendo "o pequeno cabo" conseguiu escapar, depois que um guarda puxou alguns fanáticos fora das rodas. O resto das carruagens tinha sido poupado e conseguiu seguir o seu curso sem obstáculos. Mais tarde, o estudante ficou parado, refletindo sobre o acontecimento.

“O seu burro, como é, está querendo criar raízes aí?!” um trabalhador gritou de repente.

“Você não viu o distúrbio que acaba de acontecer?” Michel indagou.

“Eu só vejo um estrangeiro, e não gostamos deles aqui” e ele continuou a andar, rolando o seu barril. Era a velha mentalidade de Avignon. E os estranhos distúrbios não foram nada mais do que alucinações.

Depois do primeiro trimestre, os professores só tinham elogios para o jovem De Nostredame. Isso era muito agradável, mas o estudante talentoso não estava aprendendo muito deles. O avô dele já o tinha ensinado tanto sobre astrologia que era impossível que os professores dele pudessem ensinar-lhe muito mais. Desapontado, Michel não podia então esperar que eles ampliassem muito os conhecimentos dele. Felizmente, havia lá uma biblioteca de três andares que era o mais bonito que ele já pudesse ter imaginado. Ele gostava de passar o tempo lá e examinar os textos antigos. Os professores encorajaram o gênio de pesquisar áreas relacionadas. Eles instruíram o Sr. Grimbert, o bibliotecário, o qual, devido a uma ligeira doença, estava sempre tremendo, de preparar uma lista de livros para o estudante. Grimbert montou a literatura em uma parte separada da biblioteca onde o jovem pudesse fazer suas pesquisas sem ser perturbado. Michel devorou a pilha de documentos em pouco tempo. Além de algumas obras pelo Avô, o único livro que ele tinha estudado a fundo era a Bíblia, e a mudança de matéria era muito bemvinda. Enfim, havia só um manuscrito que realmente lhe dizia algo. Era uma composição sobre alquimia. Parecia um clichê, mas quem não via imagens de um velho feiticeiro barbudo executando estranhas experiências num velho laboratório ao ouvir a palavra alquimia. O livro contradizia as suas noções preconcebidas e ele queria entrar mais profundamente no assunto. O manuscrito em questão dizia que a alquimia foi introduzida na Espanha pelos árabes depois das cruzadas, e assim ele ficava examinando o departamento espanhol por dias sem fim. Durante sua busca ele descobriu um artigo que lhe pegou o olho, escrito por Artephius no décimo segundo século, intitulado: "A arte de aumentar o tempo de vida do homem". O artigo espanhol foi escrito em latim com o qual ele estava familiarizado. Curioso, ele começou a leitura:

“Eu, Artephius, aprendi todas as artes no livro mágico de Hermes. Durante a minha longa vida, eu conheci pessoas que quiseram aperfeiçoar a alquimia. Porém, eu não quis escrever coisas que tornariam as leis acessíveis a uma audiência maior, porque elas só podem ser reveladas por Deus ou por um mestre. Meu livro só seria útil para pessoas possuindo vastos conhecimentos e um espírito livre. Eu também era como os outros: ciumento. Hoje estou vivo por mil anos aproximadamente, no final das contas, só pela graça de Deus.”

Aquele homem é tão velho quanto o Matusalém! Michel pensou, excitado. Ele estava determinado a ler esses dois livros, mas, infatigável em suas buscas como só ele, não os achou.

Aquele livro escrito por Hermes provavelmente nem mesmo existe, ele pensou, e se consolou lendo toda a literatura alquímica que podia encontrar. Em um dos trabalhos, ele leu que metal pode ser transformado em ouro, usando um objeto místico, chamado "Pedra do Filósofo". A pedra tinha sido procurada desde séculos atrás, mas nunca foi encontrado e no décimo terceiro século, a maioria dos alquimistas tinha desistido. Outro manuscrito dizia que alquimia pode ter um efeito medicinal. Se a pessoa ingerisse proporções precisas de sal, enxofre e mercúrio, ela poderia obter um efeito positivo na saúde. Os filósofos gregos Thales e Aristóteles acreditaram que a terra, a água, o ar e o fogo eram os elementos básicos dos quais todos os materiais podiam ser criados. Outro livro falava sobre um quinto elemento básico: a essência. Mas por agora ele tinha lido bastante, guardando os livros.

"Obrigado pela ajuda, Sr. Grimbert, até amanhã". Outro dia tinha voado e o estudante cansado voltou para o seu quarto austero da Rue St-Agricol. Depois de cozinhar e comer um mingau morno, ele meditou no livro de Hermes, sem qualquer efeito, e então tentou a "pedra do filósofo", mas adormeceu inesperadamente. Aquela noite os desejos dele foram cumpridos. A sua alma curiosa foi tocada por algo magnífico e poderoso e com um calafrio ele se ergueu e se endireitou na cama.

"Michel de Nostredame, sou eu aquele quem você esta procurando: Hermes, filho de Zeus e Maia, filha de Atlas, um dos Titãs." Diante dele estava um ser radiante, atlético, com um chapéu alado na cabeça, segurando um vaso dourado enlaçado de cobras. Hermes continuou: "Eu sou o líder dos três mundos. Eu nasci numa caverna em Arcádia. Eu sou o mais rápido de todos os deuses e o deus dos ladrões. Os egípcios me chamam Toth. Os romanos me chamam de Mercúrio. Eu sou Hermes Trismegistus de Gênese. Eu sou "A Esperança das Pedras", a "Pedra do Filósofo" e a "Tablete de Esmeralda". Meu irmão material, seu destino foi determinado. Você terá um papel no drama cósmico que desdobrará na terra durante os próximos milênios. Mas por agora, até que a Lua esteja cheia, você irá em outra direção para despertar seus conhecimentos dormentes através de Morte Preta". O Hermes desapareceu tão depressa quanto ele tinha se aparecido, deixando para trás um enorme vácuo. Michel não pôde se conter com essa confrontação poderosa e sobrenatural e desmaiou. Ele não despertou até a tarde seguinte. Sentindo-se terrivelmente mal, ele se levantou e, tropeçando, apanhou a mochila escolar para que pudesse voltar a estudar. Mas era muito cedo para ir à universidade e ainda confuso, sentou-se na cama.

"Eu me sinto tão miserável", ele gemeu. Com grande dificuldade, ele reconstruiu a mensagem de Hermes, mas não pôde absorver tudo. Enquanto isso, o pai dele - dirigido por poderes mais altos - estava em Saint-Rémy, preocupado com a educação não muito prática do filho. Embora a astrologia tivesse se tornado uma ciência reconhecida, não havia muito a fazer com ela. Ele discutiu isto com Reynière, que inicialmente encorajava a escolha de Michel. Mas Jacques continuou tocando no fato

que não havia nenhum futuro nisto e ela teve que admitir finalmente que as desvantagens excediam as vantagens. Os dois escreveram uma carta ao filho na qual expressaram as suas preocupações e sugeriram que ele considerasse um estudo no campo de medicina; afinal de contas, ambos os avôs eram médicos. O Michel recebeu a carta no dia seguinte e leu a sugestão de seus pais para mudar o curso dos seus estudos. Ele ficou agradavelmente surpreso e pensou sobre Hermes que tinha falado sobre uma mudança de direção.

Então, a medicina é o meu destino, ele concluiu. No dia seguinte ele aproximou-se aos seus professores cuidadosamente, não querendo desacreditá-los de qualquer forma. Durante a discussão final, aconteceu que eles simpatizaram com os argumentos dos pais e assim ele deixou os estudos em Avignon sob condições amigáveis.

Depois de uma breve estadia com a família, ele partiu para a próxima universidade, em Montpellier.

"Bem-vindo, Senhor De Nostredame", a concierge cumprimentou-o à sua chegada, com o maior charme. "Eu o levarei imediatamente para a sala de conferência, porque o senhor é o último a chegar", e a mulher robusta levantou-se da sua cadeira com dificuldade para lhe mostrar o caminho. Eles andaram pelo corredor principal e viraram o canto no fim do corredor.

"A palestra começará momentaneamente e será dada por Dr. Hache", ela o informou, levando-o para o fundo da sala onde ela lhe indicou um lugar a uma mesa ao lado de um jovem com olhos extraordinariamente vivos. O Professor Hache, ao contrario da concierge, não deu as boas-vindas aos estudantes e começou a conferência sem cerimônia.

"Milhares de anos atrás, os primeiros médicos tentaram curar os pacientes perfurando um buraco nas suas cabeças", ele disse. François, a pessoa sentada perto de Michel, apontou condescendentemente à sua testa.

"Precisamente, é onde aquele gesto se origina", disse Hache que percebeu o gesto, "mas realmente não era uma idéia tão louca, porque deste modo, eles quiseram permitir aos espíritos maus que eles pensavam ser a causa da doença, de escapar do corpo. Isto também foi chamado de trépano". Um estudante de Toulouse levantou a mão.

"Perguntas só no fim da minha palestra", o professor disse. "Mais tarde, em tempos gregos antigos, uma pessoa doente entraria num templo e faria sacrifícios de animais a Aesculapius, o deus da cura. Depois, o paciente beberia a água curativa como também tomava banho nela, e seguiria uma dieta rígida". O mesmo estudante levantou a mão novamente.

"O que foi que eu disse há pouco?" disse o professor.

"Eu só estou tentando deixar escapar um espírito mau do meu braço", explicou o estudante, tentando ser engraçado.

"Por favor, saia!" Hache disse, com rigor inesperado. O estudante se levantou, desanimado, e deixou a sala.

"Piadas estúpidas não são toleradas aqui", e o professor continuou a palestra. "Em quatrocentos AC, o médico grego Hipócrates estabeleceu a base da nossa ciência médica científica. Ele afirmou que doença não é causada por feitiçaria, mas por natureza, e só pode ser curada pela mesma". Os alunos estavam mantendo seriedade agora e ninguém ousou fazer outro som.

"Mais ou menos no ano duzentos DC, Galenus, também um médico grego, nos ensinou que o corpo contém quatro tipos de fluidos, ou humores: sangue, muco, bÍlis amarela e bÍlis preta e que eles devem estar em equilíbrio entre si. E aqui está a história introdutória. Agora chegou o tempo de fazer perguntas, mas breves". Os estudantes hesitaram por alguns momentos.

"As mulheres têm a mesma quantia de sangue, muco e bÍlis como os homens?" alguém perguntou.

"Nós não estamos certos disso, mas quando estes humores estão fora de equilíbrio, homens e mulheres adoecem da mesma maneira, ele respondeu.

"Minha mãe certamente vomita muito bÍlis", um aluno basco comentou.

"Ela deve estar doente", Hache supôs.

"Não está não, ela é forte e está sempre em boa forma."

"Em todo caso, eu não posso fazer uma diagnose de longe. Felizmente, nós avançamos muito além de Galenus, administramos estudos científicos cortando e abrindo corpos humanos, entre outras coisas. Assim, se sua mãe estiver perto..." O sangue escoou da face do basco quando ele ouviu que o professor estava sério com a sugestão.

"Quer dizer que o senhor cortou e abriu as pessoas ao vivo também?" ele perguntou.

"Certamente, mas isso é raro. Além de tudo, nós estudamos os cadáveres e fazemos desenhos elaborados dos mesmos. Graças a estes estudos ganhamos importantes informações que poderiam nos conduzir a curar muitas pessoas das doenças atuais."

"Que métodos existem para curar doenças atualmente?" Michel perguntou.

"Por exemplo, usando medicamentos que são processados em líquidos, pós ou tabletes" respondeu o conferencista. "Infelizmente, há muitos curandeiros, ervaristas e bruxas que posam como farmacêuticos. Outro método muito efetivo é a flebotomia ou sangramento, que permitem que a doença escoe para fora do corpo; esta é a minha especialidade".

O período de pergunta terminou e à tarde houve uma pausa. Mais tarde, Hache dissertou sem interrupção até o pôr-do-sol. À noite, depois de uma refeição barata na lanchonete, Michel e os colegas deixaram o edifício universitário para ir para casa.

"Que tal caminhar pela cidade?" alguém que o alcançou na igreja de Notre Dame des Tables exclamou. Era François Rabelais, o estudante com os olhos vivos que sentava junto dele na classe. Pareceu uma idéia boa a Michel e eles caminharam pela cidade e logo ficaram amigos. François se revelou um sensível contador de histórias. Ele nomeou todos os lugares pelos quais estavam passando, de tal modo aberto e incomum que teria



deixado muitos com o rosto corado, só de escutá-lo. O rebelde não teve nenhum problema para discutir seja o que fosse: ele falou sobre assuntos heréticos, emoções dolorosas ou partes do corpo que as pessoas normalmente evitam mencionar. E quando ele achou que a reação de Michel era séria demais, ele se comportou de repente como uma criança ou ficou surpreendentemente obsceno. François, por seu lado, ficou profundamente impressionado pelos enormes conhecimentos de Michel. O estudante de Saint-Rémy parecia uma enciclopédia ambulante. Em um bar, Michel contou sobre a sua antecedência judia, a educação pelo avô dele e, finalmente, sobre os estudos interrompidos em Avignon.

"Então nós estamos ambos no mesmo barco", disse François.

"Que barco?" seu colega perguntou surpreso.

"Bem, os judeus e os kathars são considerados uma ameaça à religião católica. Você é judeu e eu sou kathar.

"Como é que você pode ser um kathar? Os kathars foram os últimos gnósticos."

"Claro, sua alteza deve saber", François sorriu. "Nos, os verdadeiros cristãos, já não praticamos nossa religião em público, mas clandestinamente. Na realidade, em Montpellier há muitos de crenças da mesma categoria. Meu pai dirige um restaurante ali, onde são celebradas reuniões de vez em quando, em segredo, é claro. Eu o levarei aí uma vez se você quiser."

"Acho interessante. Eu sou curioso para saber o que é que vocês pregam. Os gnósticos sempre tiveram um argumento muito bem fundado por causa dos seus estudos completos da Bíblia latina, entre outras coisas".

"Certo, e é por isso que os líderes católicos nos odeiam tanto", o kathar acrescentou.

"É essa a única razão da sua religião ser proibida?"

"Não, nós somos individualistas e nossos Livros Sagrados foram traduzidos diretamente do Evangelho. Por outro lado, a fundação da Igreja tem como base o poder e a mensagem é sobre o pecado original.

"Bem, os papas, bispos e padres interpretam frequentemente a Bíblia para servir os próprios objetivos, mas em princípio, todos nós acreditamos a mesma coisa", era a opinião de Michel. Rabelais lançou algumas dúvidas nos comentários dele.

"Nós temos nossas próprias leis e nós não acreditamos que um único ser criou todo o bem e o mal, como os católicos acreditam. Além disso, nós apoiamos a liberdade individual, a igualdade para mulheres e somos contra qualquer forma de violência. Eles não são! "

"Eu estava falando sobre a Bíblia grega original", Michel explicou. "Lá, não são refutados tais pontos de vista".

"Umm, pode ser. Eu não sou tão instruído quanto você.."

Depois do curso básico na faculdade de medicina, os dois amigos passaram sem esforço ao próximo grau. Até lá, a classe foi reduzida a

trinta estudantes e hoje eles iriam ter a primeira prática. O Professor Hache estava de pé na sua plataforma torcendo as mãos em antecipação.

"Cavalheiros, nós sempre começamos o segundo ano com uma demonstração prática de sangramento. Isto será executado por mim pessoalmente com uma pessoa que foi declarada doente incurável. Não se preocupem, não há nenhuma Morte Preta envolvida."

"O que é a Morte Preta?" Michel perguntou sugestivamente.

"É um apelido para a praga, meu querido jovem, mas não continue me interrompendo. Espero para todos vocês que não desmaiem, porque é um negócio sangrento. Eu já me acostumei". Os colegas trouxeram carregando uma mulher com um grave aspecto amarelo, que foi amarrada a uma cadeira; ela estava muito fraca para sentar ereta. A paciente já não pôde olhar para frente e os seus olhos vagaram em todas as direções. Não havia outra descrição para ela, que estava proferindo sons descontrolados. Ela era um caso pungente e uma comoção começou na sala.

"Eu entendo que vocês sentem compaixão dela e vocês pensam com certeza que eu estou sendo um pouco insensível", disse o professor, "mas esta experiência está ao serviço da ciência e o fim justifica os meios. Além disso, eu os asseguro que esta senhora receberá alguma compensação financeira". O burtamontes chegou mais perto da cobaia e continuou o que tinha começado.

Há dois métodos pelos quais podemos executar o sangramento. "O primeiro é fazer um corte num vaso sanguíneo", e ele apontou a um lugar satisfatório no antebraço da paciente. "O segundo método é colocar sanguessugas". Ele tirou vários copos de vidro dos bolsos e mostrou vários espécimes.

"Hoje, eu demonstrarei só o primeiro; estas pequenas criaturas já estão mesmo saciadas. Para o primeiro método, o paciente deve apertar uma vara no punho. Isto faz com que as veias se incham e apressa o processo da flebotomia. Infelizmente, esta senhora está muito fraca para isto e teremos que cortar mais profundamente", e ele tirou a faca da bolsa médica.

"Há algum voluntário para tentar isto comigo?" ele perguntou. Ninguém ousou dizer sim, e então ele designou alguém.

"Senhor De Nostredame, quer fazer a gentileza?" o estudante se levantou obedientemente e caminhou para ele.

"Faça um corte, longitudinalmente", o professor comandou, aqui mesmo, dando-lhe a lâmina.

"Eu não deveria lavar as mãos primeiro?" Michel perguntou.

"Lavar as mãos." Para que? "Se você tiver medo de fazê-lo eu mesmo o farei."

"Senhor", François interrompeu corajosamente, o que o meu colega de estudo quis dizer é que se o monge preguiçoso não trabalhar a terra, o fazendeiro não cuidará da terra. Como o doutor não ensina ou prega às pessoas, assim o guerreiro não cura o doente. O senhor entende?" Hache não entendeu nenhuma palavra.

"Umm, certo", ele mentiu e viciosamente fez um corte profundo no antebraço da paciente. Como era de se esperar, um pouco de sangue escorreu e ele o colecionou habilmente numa tigela de vidro. Michel já tinha voltado ao seu lugar. Depois de estancar a ferida, a mulher serviu ainda como uma demonstração das artérias que deviam ser sempre evitadas. Depois disto ela foi removida. Ao fechar a pratica, o professor deu uma olhada ao redor com satisfação e perguntou se os estudantes tivessem qualquer especulação sobre o futuro da medicina. Michel foi o primeiro de levantar a mão.

"Ah, estudante inquisitivo, mas amedrontado, prossiga, Hache çaçoou.

"Eu poderia ver pessoas usando partes de corpos no futuro", o estudante propôs.

"Eu pensei que você era um tipo sério."

"Sou, sim"

"Aparentemente não", o professor negou.

"Eu tento ser", Michel insistiu.

"Ninguém está interessado em histórias tolas não substanciadas."

"Obviamente, eu não posso dar uma base científica, senhor, mas o senhor estava pedindo especulações, não estava? "

"Está bem, chega, isso é bastante. Omita seu lixo de agora em diante na minha classe, o professor disse, insultado. Depois de escola, Michel perguntou François o que ele quis dizer quando estava falando sobre o monge preguiçoso.

"Oh, nada realmente, eu só estava tentando testar a capacidade de pensar daquele ogro", ele disse, sem dar muita importância ao assunto.

"Credo, você pode ser malvado "

"Posso, com certeza", Rabelais riu, sem estar envergonhado no mínimo, e durante o caminho para casa discutiram a utilidade da higiene.

Uma noite, os dois amigos estavam sendo tratados a um prato de mexilhões pelo pai de François no restaurante dele. O lugar estava enchendo de crentes da mesma categoria que conversavam fervorosamente entre si. Pouco depois haveria orações na sala do fundo e o estudante judeu tinha sido convidado a atender. Enquanto isso, François confessou que estava traduzindo cartas médicas italianas. "Isso é um trabalho ambicioso", Michel comentou.

"E isso não é tudo. Eu também estou escrevendo a minha primeira novela: *Les Horribles et Espouvantables Faict et Prouesses du très renommé Pantagruel.*"

"Um título impressionante. Talvez um pouco comprido demais", o seu amigo opinou.

"Talvez usarei Pantagruel então. Mas, para mudar o assunto, você é alguém que se vicia em auto-satisfação? "

"Com licença? "

"Você se masturba? " De Nostredame deu uma olhada furtiva ao redor para ver se alguém estivesse escutando.

"Agora você está realmente indo longe, François. Isso não é da sua conta", ele disse, zangado.

"Ei, eu só quis prepará-lo para a lição mística que você está para ouvir."

"Sobre o que você está falando?" Michel perguntou, confuso.

"Bem, não é só oração que vai ter, mas gnose ou conhecimento sagrado também vai ser revelado e desta vez é sobre sexualidade". Eles foram interrompidos pelo barulho da companhia mista que estava se mudando para a sala do fundo. Aparentemente estava na hora da reunião e os dois jovens seguiram para a sala privada onde todo o mundo estava sentado em tapetes espessos. Depois de uma oração curta, um voluntário se levantou para dar a palestra, tirando uma pilha de documentos.

"Esta noite, eu estarei falando sobre os Copos de Hermes", ele anunciou.

Cruz credo, Michel murmurou consigo, o filho de Zeus e Maia, o mensageiro dos deuses. O homem mostrou uma imagem mística do corpo humano para clarificar o assunto sobre o qual ele estava falando. Na cabeça havia duas xícaras simbólicas transbordantes e um par de cobras que rastejava do sacro para cima e ao redor da espinha em direção das asas abertas na altura do coração.

"Como todo o mundo sabe, as escrituras antigas nos ensinam a tratar nossos poderes sexuais com grande cuidado. Mas por que fomos ensinados por tantos anos de comportar-nos com castidade? A resposta é diferente daquela com a qual a Igreja nos ilude. Vá adiante e multiplique, segundo ela. Ora, é fácil de adquirir recrutas da sua própria descendência. Ansiosos para adquirir poder, os líderes da igreja obscureceram o Evangelho para manter escondida a verdadeira razão. As antigas escrituras só dizem "não percam nenhuma semente". isto é, nunca permita que a semente seja perdida, nem mesmo durante o ato de amor". Michel olhou para François, surpreso. Então foi a isto que o fulano engraçado estava se aludindo.

"O objetivo sagrado da gnose é o esclarecimento do indivíduo", o místico continuou, "e o retorno à casa da alma para a natureza divina. Este desenho mostra a transmutação sexual do Ens Seminis\*. Este conhecimento delicado só é ensinado em escolas de indocinações místicas, como aquela de Montpellier. Os faraós do antigo Egito foram alguns dos iniciados. A técnica requer o autocontrole extremo de poderes sexuais durante o ato de amor entre o homem e mulher. Especialmente para o homem. O ato de retenção do sêmen durante a fusão das duas almas, uma faísca divina é criada, que pode ser comparado a uma ignição.

"Ignatius" em latim é a origem da palavra "gnose". A faísca é criada pela indução dos órgãos sexuais masculinos entre os femininos produzindo um poder sobrenatural que se levanta ao longo da coluna vertebral. Conseqüentemente a imagem das duas cobras contorcidas. A energia renascida alcança até o topo dos caduceus do Mercúrio por estes canais e lá abre as asas do espírito. A energia, ou kundalini, pode subir mais adiante, até os Copos Hermes, mas só se há verdadeiro amor. Se isto estiver presente, os copos ficarão gradualmente cheios. Quando estiverem cheios, eles transbordam e a energia escorre lentamente abaixo em frente

do coração. Repetindo este processo sete vezes, o homem alcança pleno desenvolvimento". O místico pôs o desenho sobre a mesa.

"Agora eu peço a todos que se levantem." Os crentes ficaram de pé, começando a recitar as preces de costume. François cantou junto com convicção total. Finalmente, depois que tinham sido contemplados quinze mistérios religiosos, o serviço foi completado e chá foi servido. Ao final da noite os dois estudantes avaliaram o material na sala, agora abandonada.

"Eu pensei que você tinha se baixado novamente à obscenidade, antes do serviço", o Michel se desculpou, "mas eu fiquei fascinado mesmo com o que eles estavam dizendo."

"Eu soube que você acharia isto interessante", François respondeu.

"Foi interessante, mas faz com que a vida pareça castigo."

"Bem, as frutas podem ser colhidas durante a vida da pessoa, e se você aplicar esta técnica corretamente, você pode cultivar poderes especiais. A Natureza o escutará.

"Você quer dizer que eu poderia falar com um cavalo? " o convidado perguntou frivolumente.

"Por exemplo."

"Você está falando sério, ou está brincando comigo?"

"Não, seriamente; o Mar Vermelho abriu para Moisés, não é? " Rabelais indicou.

"Então todo o mundo deveria usar aquela técnica o mais cedo possível."

"Melhor não; nem todos são bastante puros e você pode criar muita destruição com más intenções. Esses são os Irmãos da Escuridão. Cuidado com eles!" Michel absorvia tudo por algum tempo.

"Ainda são concebidas crianças entre os crentes desta técnica? " ele perguntou então.

"Eles ainda estão sendo entregues pela cegonha."

"Ah, beleza, as piadas estúpidas estão de volta", e, fazendo uma cara comprida, Michel se levantou para ir embora.

"Desculpe, desculpe, eu responderei sua pergunta seriamente. Mortais comuns estão tendo bastante bebês para preservar nossa população. Além disso, crianças muito avançadas nascem freqüentemente dos iniciados."

"Suponho que a transcendência da sensualidade é a base disto", o seu convidado especulou.

"Realmente, há muito tempo atrás, Eva comeu a fruta proibida e desde então o homem foi banido de paraíso. Agora temos que mover montanhas para consertar o erro dela.

"Fruta proibida"? "

"Fruta "proibida" é o símbolo do espermatozóide masculino", François explicou, enquanto bebia uma última xícara de chá. "Mas você brinca consigo mesmo, ou não? " o seu amigo sacudiu a cabeça tristemente e caminhou para fora da sala. Incorrigível, aquele Rabelais!

Depois de vários anos de estudar intensamente, Michel obteve permissão para se estabelecer como médico. Ele ainda não tinha completado os estudos, mas ele quis definitivamente ajudar as vítimas de praga no país. No fundo ele sempre manteve esta idéia de que a Morte Preta despertaria a sua perspicácia dormente, de acordo com a mensagem de Hermes. O médico de dezenove anos falou a François sobre a sua intenção, que lamentou isto, mas concordou que o amigo estava pronto para o verdadeiro trabalho.

"E como você se chamará? " François perguntou.

"Doutor De Nostredame, só isso."

"Você sabe que os cientistas embelezam os seus nomes com um sufixo latino, não? "

"Sim, mas... " Michel hesitou, não querendo ser vão.

"É importante deixar uma impressão, você sabe. O que acha você de Nostradamus? "

"Soa bem! " o amigo riu, submetendo-se à idéia. Alguns dias depois, os dois amigos despediram-se um do outro e prometeram manter contato.

Michel voltou à casa dos pais, de forma que ele poderia oferecer seus serviços nas áreas circunvizinhas de Saint-Rémy. Eles estavam muito contentes com o retorno do filho, e o Papai ofereceu-lhe espontaneamente o sótão de Vovô.

"Você não deveria discutir isso primeiro com Julien? " Reynière advertiu o marido.

"Julien só estuda lá em cima, mas Michel vai trazer dinheiro", ele replicou.

"Você está sendo desconsiderado com aquele menino", ela desaprovou.

"Está certo, eu lhe perguntarei o que ele pensa". O fato era que Julien, que estava estudando direito no sótão não teve nenhum problema de abrir espaço para o irmão primogênito, e ele se mudou ao quarto que tinha antes, junto com os seus livros. A presença do irmão mais velho também era bom para ele; agora ele poderia lhe ajudar a traduzir textos. Tudo bem que termina bem. Michel estava contente para ver a família novamente; a sua última visita tinha sido um ano atrás, e ele observou os vais-e-vens familiares com uma mente evoluída. Os seus irmãos menores tinham crescido, transformado-se em rapazes robustos, prontos a deixar o ninho e sair mundo afora. Bertrand quis ser carpinteiro. A maioria do trabalho carpinteiro na casa foi feito por ele. Ele definitivamente não quis ser tabelião como o pai, "porque ele tem uma testa deformada de todo aquele trabalho intelectual", ele reivindicou. O pai tinha realmente uma testa estranha: Era alta, chata e protuberante. As suas mãos, em contraste, eram excepcionalmente bem formadas. Além disso, Jacques era um pouco sufocante; ele sempre tratava tudo no mais minucioso detalhe. A esposa era mais em contato com sua intuição. Michel notou pela primeira vez que mulher atraente que sua mãe era. Ela tinha uma bela figura, olhos bonitos, meigos e cabelos castanhos brilhantes e longos que ela normalmente usava prendida para cima. Era uma pena que ela era um pouco confiante demais com estranhos; algumas vezes, o dinheiro tinha desaparecido na presença

dela. Por outro lado, o pai tinha uma dose saudável de suspeita nesse assunto, assim os dois se completaram bem um ao outro. Os outros irmãos, Hector e Antoine ainda não sabiam o que iam fazer.

"Eu sei: Eu vou fazer um pouco de matzo", Reynière anunciou, em reação aos sérios planos para o futuro. "Quer me ajudar, Michel? Então você poderia me contar ao mesmo tempo o que você tem feito em Montpellier, " e o jovem médico a seguiu, de boa vontade. Na cozinha eles misturaram água com um pouco de farinha.

"Está certo, então me fale", ela comandou, e o filho começou a falar-lhe dos seus dias de estudante.

"Opa, eu ainda tenho que remexer o fogo no jardim do fundo, ela o interrompeu. "Você continue e comece bater a massa; eu voltarei logo". Alguns minutos depois, ela voltou, coberta de folhagem e Michel continuou a sua narrativa, como se ele não tivesse notado nada. Depois de muitas histórias da faculdade o aroma do pão não fermentado encheu a casa inteira. O pai cortou o matzo crocante à mesa e assim eles celebraram a volta ao lar do filho próspero.

"Você visitaria um doente conhecido meu? " Jacques perguntou depois.

"Isso é o trabalho do cirurgião da cidade não é? " Michel perguntou.

"Bem, eu não tenho muita fé nele. A saúde do Sr. Delblonde está deteriorando continuamente".

"Está certo, eu irei e darei uma olhada", o filho prometeu.

"Falando nisso, a municipalidade de Arles está procurando um médico", Reynière de repente se lembrou. "Você deveria ir lá fazer sua aplicação."

"Eu irei sim, Mãe, obrigado pela sugestão". No dia seguinte ele visitou o Sr. Delblonde que estava nos cuidados médicos de Villain por algum tempo já. Este cirurgião cuidava de feridas, cortava tumores, executava flebotomia, extraia dentes, preparava remédios de ervas e cortava cabelo ou razoava barbas. O paciente em longo prazo tinha tido o infortúnio de não qualificar para tratamentos grátis. A doença dele tinha se arrastado sem parar e ele foi forçado a vender a única relíquia de família que ele possuía, um guarda-roupa de madeira de raiz, para poder pagar as contas. Só as pessoas que eram completamente destituídas eram elegíveis para serviços grátis e a municipalidade cobriu estes custos. As suspeitas de Michel foram confirmadas quando ele entrou; Villain era da velha escola. Delblonde estava completamente exausto devido a laxantes e várias fontanelas. O paciente estava deitado na cama em condição crítica com uma irmã ao seu lado. Nostradamus se apresentou e o velho pensou que ele se lembrava dele do passado. Meio delirante, ele começou a falar sobre os dias de outrora, mas a irmã dele logo acabou com isso.

Não percamos tempo, doutor", ela disse e lhe confiou que o irmão tinha piorado muito depois que deu infecção nas incisões na pele. Villain estava tentando liberar um excesso de humores deste modo. Michel examinou o paciente e deu a sua diagnose.

"Eu não acho que o caso é sério, mas o tratamento médico é. Se você quiser que seu irmão permaneça vivo, essas incisões devem ser fechadas e

você tem que descartar essas bebidas purgantes", ele insistiu. A irmã, desesperada, percebeu que estava na hora de uma mudança e ela concordou. Michel imediatamente removeu os tubos férreos das dezenas de fontanelas e limpou as feridas com água.

"Também, dê fruta fresca e legumes diariamente para seu irmão", o doutor aconselhou antes de partir, "assim que ele esteja um pouco mais forte, eu estarei de volta". Na prefeitura eles ficaram furiosos quando eles ouviram falar desta "prática ilegal". Eles mandaram que a polícia apanhasse o charlatão, mas ele lhes mostrou os seus documentos que provaram que ele era um médico reconhecido e que ele teve todo direito de tratar qualquer paciente na França. Os membros da assembléia municipal ainda estavam frenéticos, reivindicando que havia lugar para um só cirurgião em Saint-Rémy, mas Nostradamus ficou firme e não havia nada que eles poderiam fazer. Depois de uma semana, o Sr. Delblonde começou a recuperar e o médico controversal lhe disse que agora ele deveria começar a dar passeios curtos. O paciente fez como lhe foi dito e pela primeira vez em meses, foi dar um passeio ao redor da cidade. A saúde dele continuava melhorando rapidamente e todo o mundo na cidade testemunhou a sua cura surpreendente. O cirurgião da cidade, assim como os membros do conselho ficaram feito bobos e o nome de Michel como médico estava estabelecido. Depois de alguns dias, doentes começaram a bater na porta do De Nostredame e o doutor milagroso tratou deles todos com bons resultados. Depois das grandes asneiras que o Villain tinha feito com o passar do tempo, o Michel foi designado como o novo médico oficial de Saint-Rémy. A cerimônia de sua inauguração só teve lugar quando uma súbita erupção da praga surgiu no Camargue. O Conselho do Distrito anunciou que havia milhares de vítimas na área e o novo cirurgião estava enfrentando um desafio enorme. A praga era extremamente contagiosa e se alguém tivesse um membro da família com a doença, o mesmo destino o esperava com certeza. Você poderia morrer e ser enterrado dentro de dois a seis dias. Cachorros, gatos, galinhas e até mesmo cavalos também caíram vítimas. Mas o jovem médico era flexível e acreditava ser imune. Felizmente, Saint-Rémy não tinha sido atingido ainda com uma erupção da praga. Mas a aldeia vizinha, Saint Doffe, tinha sucumbido, pondo um fim rápido à vida da povoação. Corpos mortos estavam apodrecendo nas ruas ou lançados em sepulturas cavadas apressadamente por familiares devastados. O fedor insuportável de carne podre pairava no ar e as pessoas queimavam pedaços fragrantes de madeira num esforço de dissipar o fedor. Muitos aldeões tinham expulsado membros de família da casa para salvar suas próprias vidas. Outros tinham fugido para outros lugares. Michel visitou o primeiro paciente de praga dele na aldeia infestada e foi conduzido a uma criança que estava morrendo numa pequena cabana de barro. O menino estava cuspiendo sangue, tinha grandes manchas pretas e caroços do tamanho de ovos por toda parte do corpo. A mãe dele estava borrifando o chão com vinagre para refrescar o ar. O corajoso doutor examinou a criança, mas verdade seja dita, na realidade não havia nada



que ele pudesse fazer. Nenhum remédio tinha sido encontrado ainda para esta doença. Na universidade aconselhavam executar o sangramento (*bloodletting*), mas Michel não quis nada saber de tais práticas antiquadas. Só para dar à família um pouco de esperança, ele colocou um pedaço do *estercor de diabo*, uma erva usada em exorcismo, ao redor do pescoço da criança. Ele anotou os sintomas da doença extremamente contagiosa e partiu sem poder fazer alguma coisa significativa. Durante os dias que se seguiram, o médico visitou vários pacientes sofrendo da praga que estavam procurando abrigo na paz espiritual de Deus. Onde quer que ele entrasse, sempre havia algum padre ansioso que estaria tomando confissão, prometendo ao paciente um lugar no além. Ajuda médica, infelizmente, existia em segundo lugar. Ignorância é um pecado capital, o Michel percebeu isto mais do que nunca. Porém, a abundância de superstição, o abuso do poder e a ignorância o estimularam para tentar descobrir a causa da doença usando bom senso e encontrar uma solução. Ele distinguiu dois tipos da praga: um com caroços formando do lado de fora do corpo e um que afeta os pulmões. Depois de examinar os sintomas da doença, ele podia ver a importância de higiene que, na religião judia, era tradicional durante séculos. Um caso interessante em Milão confirmou os seus resultados. O arcebispo tinha ordenado fechar a tijolos as primeiras três casas que tinham sido atacadas pela praga, com os residentes adentro. Como resultado, Milão foi poupada de uma nova erupção. Esta administração severa demonstrou que o contágio estava sendo passado invisivelmente. Nostradamus começou a introduzir a quarentena para novos casos durante o qual nenhum cidadão em boa saúde foi permitido a ter qualquer contato com os pacientes que ainda estavam sendo supridos com comida e água. Este método começou a mostrar bons resultados. O pesquisador também teve a idéia que a doença poderia ser transmitida pelo vento, e então ele distribuiu máscaras para a população de uma aldeia vizinha que não tinha sido contaminada com a praga. Os residentes foram poupados da epidemia e Michel começou a suspeitar a existência de bactérias. Ele então começou a aconselhar todo o mundo de tomar um banho em água morna uma vez por semana, se possível, e lavar as mãos com sabão antes de cada refeição. Ele também os estimulou a escovar os dentes regularmente, por exemplo, mastigando raiz de alcaçuz e enxaguando a boca com água de mel ou vinagre de vinho, cortar as unhas dos dedos e cortar e lavar os cabelos, bigodes e barbas. Todo o mundo também teve que mudar de roupa e lavando-a por completo, preferivelmente em água quente ou fervente. Apesar desse trabalho pioneiro essencial, ele permaneceu não obstante uma voz na selva, até que o Papa Clemens VII ouviu falar do lutador voluntario contra a praga e o convidou aos seus aposentos privados em Avignon. O papa lhe perguntou como ele devia se proteger contra uma erupção futura da praga e Michel lhe aconselhou pelo menos de se isolar na sua residência. Quando, um mês depois, a epidemia chegou ao bairro do líder religioso, ele passou várias semanas em solidão. Por causa do isolamento ele sobreviveu e assim

Nostradamus ganhou um pouco de fama. O furor da praga, enquanto isso, estava aumentando por todas as partes do país, extorquindo um pedágio terrível em toda a Europa. As áreas superpovoadas foram as mais atingidas. Exércitos bem treinados com soldados fortes desmoronavam dias depois da epidemia, e guerras locais foram perdidas antes de serem lutadas. Curandeiros tentaram tirar proveito da situação de pânico e faziam rápida fortuna. O jovem médico trabalhava dia e noite, tratando milhares de pessoas. Depois de quatro anos, finalmente a praga tinha esgotado a sua fúria e Nostradamus voltou a Montpellier para completar os seus estudos. Enquanto isso, François tinha se formado e, surpreendentemente, tinha deixado a França. A vigia lhe confiou que medidas rígidas foram tomadas contra os reformados, os humanistas e todos os dissidentes. Até mesmo cientistas com línguas afiadas já não eram bem-vindos no país. Apesar disto, François teve a boa fortuna de ser admitido como médico pelo vice-rei de Piemonte. Michel mergulhou nos seus estudos mais uma vez, mas encontrou muita incompreensão entre os seus antigos professores com respeito às suas idéias progressivas. O seu conhecimento teórico e prático era tão impressionante, porém, que os professores não puderam negar-lhe o título de doutor um ano depois. O médico não convencional deu conferências por pouco tempo nesta universidade, mas no final, os seus métodos de tratamento causaram muita consternação. O diretor principal tomou providencias; o culpado foi prevenido e logo após ele deixou a universidade. Provado e testado, Michel voltou para a sua casa em Saint-Rémy e lá decidiu retomar a sua prática.

### **Tradução em curso**